Revista A Cor das Letras

Revista Digital dos Programas de
Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS
Feira de Santana, v. 24, n. Esp., p. 173-183, julho de 2023

http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index
10.13102/cl.v24i1.9367
ISSN 2594-9675

Máquina de mo(v)er pátrias e brasílias: *Catatau* (1975) de Paulo Leminski

Machine to move/grind homelands and brasílias: Catatau (1975) by Paulo Leminski

Luis Penido*
Universidade Estadual de Montes Claros
Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Paulo Caetano**
Universidade Estadual de Montes Claros
Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Resumo: O romance-ideia de Paulo Leminski, *Catatau* (2012) é, talvez, um dos textos mais excêntricos da nossa literatura. O experimentalismo radical da linguagem, a ausência de encadeamentos narrativos e, em certa medida, seu caráter aparentemente ilegível foram, ao longo de décadas, ora celebrados pela crítica mais vanguardista, ora apontados como fatores de resistência a leituras de maior fôlego. Esse ensaio, ciente das dificuldades reconhecidas desde sua publicação em 1975, opta por pontuar, em um primeiro momento, algumas relações entre os conceitos lógico-matemático cartesianos e o des-cartesanato de Catatau, para, em seguida, discutir suas implicações ético-estéticas. Além do discurso filosófico, fazemos referências à Teoria da Informação da segunda metade do séc. XX e à Teoria Cibernética, esperando colher dali intuições importantes para conjugar os elementos experimentais ao aspectos lógico-matemáticos que compõem a língua dessa obra peculiar. Acreditamos haver um atravessamento ético-estético na perspectiva de uma re-fundação dos arquétipos da nação, o que será analisado em uma terceira parte do ensaio.

Palavras-chave: Catatau. Cartesianismo. Teoria da informação. Teoria cibernética.

Abstract: Paulo Leminski's novel-idea *Catatau* (2012) is perhaps one of the most eccentric texts in our literature. The radical experimentalism of the language, the absence of narrative chains and, to a certain extent, its apparently illegible character were, over the decades, sometimes celebrated by the most avant-garde critics, sometimes pointed out as factors of resistance to more extensive readings. This essay, aware of the difficulties recognized since its publication in 1975, chooses to point out, at first, some relationships between the Cartesian logical-mathematical concepts and the de-craftmanship-cartesian [des-cartesanato] of *Catatau*, to then discuss its ethical-aesthetic implications. In addition to the philosophical discourse, we make references to the Information Theory of the second half of the 20th century. XX and the Cybernetic Theory, hoping to gather important intuitions from there to combine the experimental elements with the logical-mathematical aspects that make up the language of this peculiar work. We believe there is an ethical-aesthetic crossing in the perspective of a re-foundation of the archetypes of the nation, which will be analyzed in a third part of the essay.

Keywords: Catatau. Cartesianism. Information Theory. Cybernetic Theory.

Catatau, a palavra, mas também o título, é, se nos for concedido iniciar este ensaio por uma expressão pinçada da obra dentre tantas, *um enxame de mil nomes*.[1] Pode designar tanto um animal, "besta grande, magra e velha", e, pejorativamente por extensão, pessoa também magra e velha, quanto um "indivíduo muito baixo", "tampinha" – este último um regionalismo bastante

* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006), mestrado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010) e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014). E-mail: luizpenido@gmail.com.

** Professor de Literatura na Unimontes. Atua na graduação e no mestrado profissional. Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG (2015), mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp (2011). E-mail: paulorcaetano@yahoo.com.br.

[1] As acepções foram selecionadas, preferencialmente, dos verbetes "catatau" e afins dos dicionários: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2005), Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (1985), Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], (2008-2021) e Dicio – Dicionário on-line de Português (2009-2023). Leminski seleciona algumas dessas acepções em "Descoordenadas cartesianas: um livro e sua história 23 anos depois" (LEMINSKI, 2012a, p. 162).

disseminado. Pode designar "falatório, mexerico, intriga", "discurso prolongado; discurseira" e o ato de infringir "castigo físico, pancada" a alguém, de onde a expressão "aplicar um catatau". Traz ainda o sentido de "coisa volumosa ou grande, especialmente livros e outras publicações", convergindo para certas características internas desses volumes, como o "bloco de composição muito condensado, sem claros nem parágrafos". Tijolo ou calhamaço de um lado, densa mancha tipográfica de outro. Catatau também dá nome a uma carta no jogo de truco, o quatro de espadas, coincidindo por ampliação semântica com a acepção de "espada velha e ruim", "curva e pequena", derivada da espada oriental "*katanâ*". O tabuísmo carioca a conduz para o órgão sexual masculino, fonte de gracejo em vários momentos e ventilado indiretamente na epígrafe da *História Naturalis* de Marcgravf, desde a primeira edição. Por fim, catatau tem no uso informal a acepção de uma "grande quantidade" de qualquer coisa, excesso, exagero, hipérbole, embora os outros usos apontem na direção do insignificante e/ou derrisório.

Esse breve percurso, não esgotado, seguramente, pelos possíveis sentidos da palavra que dá título a um dos empreendimentos literários mais peculiares de nossa literatura, antecipa, em certa medida, a complexidade provocadora do "cartesanato", para usar uma expressão frequente em sua fortuna crítica.[2] Acaso de imaginação histórica nascido em 1966, durante aula de História do Brasil – "E se Descartes tivesse vindo ao Brasil com Nassau?" – o romance-ideia de Paulo Leminski conta a não-narrativa de uma espera fracassada – a do francês Renatus Cartésius (René Descartes) por Articzewski, polonês que supostamente lhe explicaria o Brasil – demolindo em seu monólogo tagarela, excessivo, hiperbólico, frequentemente delirante, toda a possibilidade de se guiar por um sistema de coordenadas cartesianas. O próprio Leminski chama a atenção: "A multiplicidade de leituras o *Catatau* já traz inscrita na própria multiplicidade de sentidos de que é portador seu próprio nome" (LEMINSKI, 2012a, p. 162). Entre as linhas abcissa e ordenada do plano cartesiano, a poética de *Catatau* opera a infinita curvatura sobre si, simultaneamente, localização absoluta singular, seu sentido monádico ou endotrópico – pois cada frase, cada palavra é parte e fim em si mesma, indissolúvel em absoluto na maquinaria semântica da obra, uma mônada aguardando um sentido que não vem, embora vigilante de si –; e informação absolutamente nova, politropia, informatividade radical arrastando passado e futuro da narrativa para um centro de empuxo, invariavelmente vazio – antecipando o fracasso posterior da comunicação, da explicação e do comentário.

Redundância, importante observar, não apenas de estruturação da obra em torno de semi-multisentidos, mas do próprio autor ao dobrar-se em compor, dentre tantos outros comentários de sua obra, a resenha explicativa "Quinze pontos nos iis" (LEMINSKI, 2012b, p. 164), presente na segunda edição, reduplicando o gesto satírico de inflacionamento por uma expressão-título com a promessa de esclarecimento e um texto topicalizado sob o manto da racionalidade interpretativa da elucidação – lembremos, de um texto que não se curva a qualquer totalização de sentido[3]. Escrever sobre o *Catatau* em qualquer circunstância nada mais seria do que ingressar nas armadilhas do escritor antecipadas pela referência à Teoria da Informação e à Cibernética. [4]

As armadilhas de *Catatau* colocam em funcionamento essa proliferação de que o autor é agente e paciente, direção e espera, desnorteando os leitores ao lançar enigmas sem fundo, dos quais o livro se converte em compêndio aberto de semi-soluções, passíveis de multiplicação por meio dos gestos do Leminski escritor-crítico, escritor-teórico, *performer* e personagem. De fato, quando "a informação absoluta coincide com a redundância absoluta" (LEMINSKI, 2012b, p.

[2] Conceito criado por Antonio Risério, em 1976, por ocasião de um ensaio publicado na revista *José* com o título "Catatau: cartesanato". Esse e outros ensaios fundamentais da crítica foram compilados recentemente em uma cuidadosa edição de *Catatau* (2012) sob responsabilidade da Editora Iluminuras.

[3] É de se esperar que Leminski, no gesto de comentar a própria obra, jogue com a crítica, e mesmo o leitor comum, um jogo de espelhos: fingindo cair nas suas próprias armadilhas interpretativas e simplificações, incentive seus leitores a duplicar esse erro, constrangidos pela autoridade da voz autoral e seduzidos por soluções aparentemente plausíveis.

[4] Mais adiante aprofundaremos esse tema.

164), quando reescrever nada acrescenta ou aclara, estamos diante da trapaça da leminskíada. Da máquina de redundância de *Catatau*, qualquer texto acrescentado é re-redundância, repetição do novo de novo, é catataulização, tal o impasse em estado de multiplicação: da obra, do personagem Renatus Cartésius, do leitor, da crítica, de Leminski, mas também de possíveis conceitos, da análise e de toda possibilidade de leitura que não seja um rumor continuado dessas antíteses embaraçosas.

Daí a justa afirmação de Marcelo Sandman de que "muitas vezes a crítica, sobretudo a mais favorável, não logrou ir além da simples glosa do que o escritor formulou". (SANDMAN, 2010, p. 8) De fato, a glosa enquanto sustentada em um mote ou simplesmente anotação marginal à obra sugere a dificuldade diante de um texto que se abre em muitas linhas de entrada e saída sem, jamais, permitir o acesso ao centro em que as coordenadas se encontrariam, finalmente. De um livro sem centro ou margem, cabe, invariavelmente, ao crítico-teórico a glosa infinita, o ruído dos semi-conceitos, a mutilação da obra em recortes arbitrários ao gosto e autoridade do leitor profissional, a investida das comparações históricas, provisórias, precárias, frequentemente sustentadas por leituras críticas mínimas do próprio Leminski em "Descoordenadas Cartesianas" e "Quinze pontos dos iis", bem como outros fragmentos em que o romance é citado de passagem. Leminski celebra o paradoxal fracasso-sucesso da crítica, do romance, da lógica, da linguagem, enfim, enredados por um fio de significações infinito que no seu limite é silêncio ou, contrariamente, ruído branco[5], metáfora de nada ou um nada de metáfora.

O monstro de Occam – meta-personagem da obra, figura puramente semiótica atraída por perturbações de linguagem de toda ordem – é, nesse contexto, a perfeita imagem para o impasse crítico enredado em descrições da máxima inventividade que atraem para si, contraditoriamente, a máxima redundância. Tudo se passa como se *Catatau,* por um excesso finamente planejado da palavra, excesso que coincide com seu estiolamento, atingisse a afasia, o momento em que só pode dizer o reiteradamente já dito, a citação literal ou a paráfrase contínua, momento em que a palavra atinge a ingenuidade da des-estrutura[6], disseminando rastros, efeitos de sentido mal acessíveis, escorregadios e na iminência de sua própria destruição. Caráter implosivo da obra, mas sobretudo campo minado da crítica que se sente frágil diante de um objeto tão escorregadio.

À parte, o sorriso de Leminski antecipando o fracasso da leitura – a sua, a nossa e a de seus pares ao andar em círculos concêntricos de mãos dadas – o interesse pela obra tem de tempos em tempos sido renovado, esforçando-se seus comentadores por evitar as armadilhas postas pelo autor. Qualquer leitura de *Catatau* deveria então tentar se desvencilhar, caso queira efetivamente contribuir, da redundância da redundância atestada por grande parte da crítica. É o que nos propomos, pelo menos. O que fizemos até o momento neste texto foi seguir os rastros dessa espera frustrada. Mas há outra maneira de acessar a armadilha sem que ela desarme sobre a cabeça do leitor?

***

Optamos, como alternativa, por pontuar em um primeiro momento algumas relações entre os conceitos lógico-matemáticos cartesianos e o des-cartesanato de *Catatau*, para, em seguida, discutir suas implicações ético-estéticas, pois, se no centro dessa não-narrativa de uma espera frustrada está a demolição da filosofia em "linha reta" de Renatus Cartésius, apenas em referência ao método cartesiano e suas concepções implícitas de lógica e linguagem, poderemos compreender a dimensão das peculiaridades de um romance-ideia que é, paradoxalmente, nem romance nem ideia, mas ensaio de limites lógico-matemáticos. Em um segundo momento, nossa leitura parte da

[5] O ruído branco é aquele que tem a sua potência distribuída uniformemente no espectro de frequência, em outras palavras, trata-se de uma combinação de ondas sonoras em frequências aleatórias de igual intensidade e potência constante, motivo pelo qual tem a capacidade se sobrepor a outros sons identificáveis.

[6] "Não há o que contar. Tudo acontece no nível da linguagem", dirá Leo Gilson Ribeiro em "Um Catatau, felizmente" (GILSON In: LEMINSKI, 2012, p. 168).

hipótese de que ao encontrarmos Renatus Cartésius alucinando diante das maravilhas de Brasília, haveria aí um atravessamento ético-estético de re-fundação experimental dos arquétipos da nação por ser analisado.

Em um esforço que cada leitor deste ensaio avaliará, tentaremos, dentro do possível, "descatataulizar" o *Catatau*, evitando ao máximo as redundâncias, não para arrancar-lhe um sentido definitivo, mas para divisar por um instante que seja a maquinaria sutil de seu funcionamento em diálogo com os discursos filosófico, científico e histórico. Se não é possível fugir absolutamente à armadilha do comentário que inflaciona a obra – exemplar no Leminski-crítico-de-si – podemos, ao menos, por meio de um desvio, revolver as engrenagens desse empreendimento. Nesse sentido, também as referências à Teoria da Informação da segunda metade do século XX e à teoria cibernética produzirão implicações importantes para conjugar o caráter ético-estético aos aspectos lógico-matemáticos que compõem a língua dessa obra peculiar.

A LINGUAGEM CARTESIANA SOB O SOL DOS TRÓPICOS

Descartes não chegou a compor um tratado sobre a linguagem, pelo contrário, as suas definições são esparsas e recuperam a oposição entre corpo e alma, homem e autômato na perspectiva de uma filosofia dualista.[7] A linguagem é possível na interação entre uma substância animada e outra inanimada, entre a intensão da substância pensante e a extensão dos corpos. O mundo material, incluído o corpo orgânico, serve de instrumento para a transmissão de ideias em um processo complexo de traduzibilidade das variadas matérias – visuais, auditivas, táteis, olfativas – para a substância pensante interna. Em Descartes, a linguagem guarda função puramente instrumental, canalizadora – é parte das maneiras contingentes, modernamente diríamos "arbitrárias", por não haver vínculo necessário entre nome e significação/ideia –, na melhor das hipóteses mediando a passagem entre uma substância pensante e outra, dada a impossibilidade de se prescindir da extensão, da matéria do mundo no processo de comunicação entre dois sujeitos pensantes.

A indissociabilidade entre extensão e intenção, no entanto, esconde uma metafísica da presença elementar: os sinais exteriores mediam a significação, remetem a uma ideia que lhes é anterior e sem a qual não teriam conteúdo possível[8]. A ideia por si mesma permanece em presença dos sujeitos enquanto substância pensante independente das formas de apresentação ou materialização. Há o pensamento uno gerado pela substância pensante e veículos materiais de transmissibilidade que podem ser vários – o que significa dizer que a linguagem externa está exposta ao ruído e ao equívoco –, porém, incapazes de afetar a substância da ideia, sempre igual a si mesma. Além disso, Descartes entende que os axiomas ou princípios lógicos da razão são princípios de realidade e devem acontecer também na linguagem, o que nos leva a crer que o filósofo, apesar de sua concepção indissociável do dualismo ideia-veículo, sonha uma filosofia capaz de reduzir a

[7] Exemplar é a distinção entre homem e animal: "Ora, por esses dois meios [usar palavras e agir conforme o conhecimento], pode-se também conhecer a diferença existente entre os homens e os animais. Pois é uma coisa bem notável que não haja homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar mesmo os insanos, que não sejam capazes de arranjar em conjunto diversas palavras, e de compô-las num discurso pelo qual façam entender seus pensamentos; e que, ao contrário, não exista outro animal, por mais perfeito e felizmente engendrado que possa ser, que faça o mesmo." (DESCARTES, 1996, p. 64)

[8] Dando continuidade ao trecho da nota anterior, vale mencionar uma interessante passagem que certamente não passou despercebida por Leminski ao colocar os papagaios como um bom exemplo de máquinas capazes de articular a linguagem na ausência de uma ideia: "E isso não acontece porque lhes faltem órgãos, pois vemos que as pegas e os papagaios podem proferir palavras assim como nós, e todavia não podem falar como nós, isto é, testemunhando que pensam o que dizem; ao passo que os homens que, tendo nascido surdos e mudos, são desprovidos dos órgãos que servem aos outros para falar, tanto ou mais que os animais, costumam inventar eles próprios alguns sinais, pelos quais se fazem entender por quem, estando comumente com eles, disponha de lazer para aprender a sua língua." (DESCARTES, 1996, p. 64)

linguagem à pura proposição, abstração, princípio inteligível, lógico, extirpando o excesso sensual indesejável do processo de comunicação – aproximando-se do uso dos símbolos na matemática, o seu puro grau. A linguagem serve ao filósofo na medida em que é prova indireta do caráter intrapensante que lhe dá origem – a Ideia – permitindo distinguir o homem de um autômato por exemplo, no entanto, essa ideia é um fator fora do jogo da linguagem, presente apenas nos sujeitos e para os sujeitos.

Os três graus do sentir e imaginar, por exemplo, mostram a relação estanque entre material e imaterial em Descartes, na medida em que no processo comunicativo: *primeiro*, há uma reação mecânica do corpo frente aos estímulos externos; *segundo*, ocorre a percepção imediata dessa afetação, formando o signo; *terceiro*, e puramente mental, formula-se um juízo *sobre* a percepção. Apenas o terceiro nível ascende à substância pensante, apenas ele importa enquanto tarefa do filósofo, sendo a linguagem, por mais complexos e de interesse que sejam os caminhos percorridos na matéria orgânica e inorgânica, pura contingência. A famosa redução ao *cogito* nada mais seria, nesse caso, do que a expulsão da linguagem operada pelo cartesianismo, já que os juízos enformados pelo entendimento, ou razão, aparecem como unos, independentemente do número de proposições que unificam: *reductio ad unum* [redução ao uno]. Procede daí uma concepção instrumental e lógico-matemática da linguagem na medida em que ela se aproxima dos *princípios* que regem a racionalidade em geral. Todo o "resto" de linguagem que não se assuma uma instrumentação desse processo é convertido imediatamente em desrazão, barulho, loucura, *provavelmente*, poesia[9].

Vejamos então, a partir dessas considerações breves, o que *Catatau* subverte em seu caminho de desarrazoamento da palavra.

***

Cito: "Ergo sum, aliás, ego sum Renatus Cartesius, cá perdido, aqui presente, neste labirinto de enganos deleitáveis" (LEMINSKI, 2012, p. 15), assim se inicia, nos colocando de imediato na encruzilhada de intertextualidades entre o *cogito* enquanto concepção filosófica abstrata que expulsa toda a imanência da linguagem e a sombra indivisível do "EGO SUM qui sum" (LEMINSKI, 2012, p. 12) [eu sou quem eu sou], resposta que Deus dá a Moisés quando questionado sobre seu nome e por sobre quais palavras deveria se dirigir aos filhos de Israel: "EU SOU me enviou a vós" (BÍBLIA SAGRADA, Ex. 3, 14), dirá Moisés. Leminski traz não apenas a figura de Cartesius e do *cogito*, mas com ela faz reverberar o episódio bíblico do êxodo do Egito, quando Moisés escuta as instruções de Deus, a fim de conduzir seu povo à libertação do julgo egípcio. Mais ainda, acompanhando os versículos, encontramos Deus, enfim, revelando seu nome a Moisés: YHWH, tetragrama sagrado. Nome que pode ser escrito, mas não pronunciado, interdito para os judeus, em outras palavras, *o nome do Deus*.

Leminski operando em radical polissemia antecipava essa interpretação. Começando *Catatau* com uma alusão parcial da frase bíblica coloca-se desde o início a questão onto-teo-lógica da linguagem: Deus é o imaterial não materializável senão por sinais indiretos, e a palavra que o designa apenas o faz na forma da proibição, fonicamente e respeitosamente impronunciável; ainda que grafada, totalmente inarticulável. O nome de Deus, o único nome próprio realmente possível,

[9] Em outra passagem do *Discurso do método*, Descartes associa aos poetas a criação de imagens caógenas, informes, antes que as leis pudessem percorrer sobre a matéria para ordená-la: "Também, para sombrear um pouco todas essas coisas e poder dizer mais livremente o que julgava a seu respeito, sem ser obrigado a seguir nem a refutar as opiniões aceitas entre os doutos, resolvi-me a deixar todo esse mundo às suas disputas, e a falar somente do que aconteceria num novo, *se Deus criasse agora em qualquer parte, nos espaços imaginários, bastante matéria para compô-lo, e se agitasse diversamente, e sem ordem, as diferentes partes desta matéria, de modo que compusesse com ela um caos tão confuso quanto os poetas possam fazer crer*, e que, em seguida, não fizesse outra coisa senão prestar o seu concurso comum à natureza, e deixá-la agir segundo as leis por ele estabelecidas." [grifos meus] (DESCARTES, 1996, p. 49)

está fora das trocas da linguagem, deixando apenas indícios de sua inexequibilidade enquanto linguagem nas formas tautológicas de se referir a Deus que teriam a função de fundar e confirmar sua existência como aquele que diz EU SOU: "Eu sou aquele que é", "Eu sou o existente". A primeira frase de *Catatau* não apenas recupera uma questão central da hermenêutica bíblica quanto, precedendo a torrente de experimentação do romance, faz um gracejo filosófico: se Deus em sua perfeição é o que é, o único ente capaz de operar uma tautologia absoluta e essencial; e Descartes, coparticipando da ideia da perfeição tão-somente passível de ser herdada de um ser perfeito, o argumento da existência de um ente perfeito como causador de todas as ideias na *Filosofia primeira* rebaixa, necessariamente, a materialidade a acidente dos mais imperfeitos, dentre tais formas a própria linguagem, confirmando o abismo entre imaterial e material na relação entre a substância pensante e os seus meios de transmissão. Entre um ente sumamente perfeito, a ideia da perfeição e suas formas imperfeitas de transmissão, constitui-se uma hierarquia necessária. Deus tem um nome que a linguagem não alcança, o pensamento uma existência que a linguagem apenas sinaliza e a feição material da palavra, a sensualidade da matéria, seriam apenas os erros aprazíveis – porém, condenáveis – de um ser imperfeito, isto é, o homem, já que participa tanto da essência divina por meio da ideia da perfeição, quanto da matéria mundana que é coisa e palavra. A redundância do nome de Deus constitui o paradigma de uma filosofia prescindindo da linguagem, isto significa precisamente onto-teo-logia: substância, deus e lógica[10]. Do outro lado, a linguagem efetivada matéria seria o campo dos erros deleitáveis, dos ruídos, da superfície áspera, enfim, dos poetas, operando na melhor das hipóteses uma forma decaída de redundância – o filósofo-poeta, o poeta metafísico, abstruso em sua tentativa de transcendência – e, na pior das hipóteses, a redundância vazia das falsificações sensualistas da palavra – o poeta lúdico, *non-sense*, possuído pelas ilusões de superfície e os efeitos-sentidos.

Sob outra perspectiva importante, o primeiro par de linhas do romance, aludindo ao teônimo sagrado, também tinge de messianismo a fictícia tarefa colonizadora de Renatus Cartésius nos trópicos, permite a contaminação entre as narrativas messiânicas da colonização e da salvação, ainda mais importante, insere certa metafísica dentre as missões do personagem de Cartésius – "EU SOU me enviou a vós", e a redução do *cogito* é, simultaneamente, expulsão de qualquer materialidade. Trata-se de substancializar, onto-teo-logizar Brasília, como o personagem se refere à nova terra. Leminski afirma que Occam seria o primeiro personagem puramente semiótico da literatura brasileira, podemos afirmar que a figura de Cartésius faz algo semelhante, é uma das primeira figuras onto-teo-lógicas, um dos primeiros personagens-conceituais da literatura brasileira – rivalizando talvez com Macunaíma, a sua maneira –, pois coloca à prova dos sentidos o castelo metafísico cartesiano, uma das mais influentes filosofias substancialistas do velho mundo.

É precisamente esta onto-teo-logia a ser colocada, então, contra a prova da realidade material, ou, em outras palavras, da materialidade da linguagem. Cartésius contempla de luneta os prodígios de Brasília: "Animais anormais engendra o equinócio, desleixo do eixo da terra, desvio das linhas de fato." (LEMINSKI, 2012, p. 15) A perturbação causada em Cartésius tem origem em certa erva ministrada pelos Tououpinambaoults e no espetáculo da fauna ao sul do equador, ele delira o que significa dizer que sua língua, anteriormente esquadrinhada pelos planos da lógica, também delira, desliza para fora da geometria, de-substancializa-se. "Um papagaio pegou o meu pensamento" (LEMINSKI, 2012, p. 13), diz o protagonista, queixando-se de ter anuviado o entendimento. O papagaio prenuncia a repetição quase-vazia, a redundância sem fundo, o oco da

[10] As reminiscências à crítica da metafísica da presença de Jacques Derrida, especialmente como surge em *Gramatologia* (2010) não são fortuitas. Em movimento quase coreografado, Catatau opera dentro do discurso literário, uma crítica semelhante, senão mais belicosa, ao encenar o fracasso das filosofias essencialistas diante do mundo, do filósofo frente ao caráter indomesticável da palavra. Ademais, para além dessa específica afinidade conceitual, o trabalho de Elizabeth Rocha Leite em *Leminski*: o poeta da diferença (2012) amplia os possíveis contatos entre o fazer poesia-linguagem de Leminski e a filosofia da diferença.

palavra tagarela respondendo o eco proferido. Pura materialidade sem transcendência possível, a linguagem se converte em falsificação e logro.

A redundância, nesse caso, é tanto um dos instrumentos da linguagem para livrar-se das marcas essencialistas, deslocando horizontalmente o quase-igual, quanto à sua própria implosão, uma vez que reiterar se torna imediatamente um ato de desconfiança na essencialidade em si. Entre a redundância semântica – a espera de Cartésius por uma explicação que nunca vem enquanto hipóteses inflacionam indefinidamente os significados – e as redundâncias da face material da linguagem – gráficas e sonoras – a linguagem delira sensualmente. Contra a redundância do nome de Deus, a redundância sensual cinde as palavras e a sintaxe em seu interior. O nominalismo da palavra é posto em marcha.

Entende-se daí figuras recorrentes como as aliterações, assonâncias, cacofonias, paronomásias, onomatopeias e, principalmente, as palavras-valise (*portmanteau*). São modalidades de redundância dirigidas aos sentidos complementando a redundância narrativa da espera – mantendo-se, note-se, a ambiguidade da palavra "sentido". A espera de Cartésius é in-ação, antecipação fracassada, nomadismo extático. Resulta daí que as inovações formais não são simples malabarismos formais, mas pequenos fascínios contraditórios: tomado pela sensualidade da linguagem, Renatus Cartésius é incapaz de ajustar a palavra ao seu regime lógico, delirando sob os paradoxos de possibilidades, pensa, mas não com-pensa, como se a palavra que age no pensamento fosse também responsável por trapaceá-lo:

> [...] Não, esse pensamento,
> não, — é sístole dos climas e sintoma do calor em minha cabeça.
> Penso mas não compensa: a sibila me belisca, a pitonisa me
> hipnotiza, me obelisco, essa python medusa e visa, eu paro, viro
> paupau, pedrapedra. Dédalos de espelho de Elísio, torre babéu,
> hortus urbis diaboli, furores de Thule, delícias de Menrod, curral do
> pasmo, cada bicho silencia e seleciona andamentos e paramentos. (LEMINSKI, 2012, p. 13)

Haveria então a seguinte configuração, de forma esquemática, se opondo do início ao fim do livro:

René Descartes	Renatus Cartésius
Redundância teonômica: EU SOU.	Redundâncias sensuais: gráficas e sonoras
Onto-teo-logia da linguagem	Nominalismo da linguagem
Messianismo: conduzir	Entropismo: descoordenar

O jogo de oposições parece, então, *montado* – se tomarmos o cuidado para fazer disso um jogo de fato, não apenas oposição estanque. Interessa-nos, principalmente, as fronteiras, o embate à fricção dos opostos – ademais, caracterizado no percurso das contaminações mútuas. Acossando a redundância teonômica do EU SOU, as redundâncias sensuais, gráficas e sonoras, recostando o fora da linguagem; solicitando o fundamento triplo da onto-teo-logia o nominalismo; esvaziando o messianismo que conduz, o entropismo que descoordena.

Os procedimentos, até esse momento vistos com *lupa*, podem ser igualmente vistos de *luneta.* A redundância se alarga, passa das pequenas unidades – palavras e expressões – para as estruturas mais amplas – os ciclos quase-narrativos. Catatau organiza-se em espirais, nas quais a sensação de repetição, eco, ressonância funcionam, de um lado, como elementos fragmentadores da continuidade narrativa e, de outro, integradores de procedimentos retornados em diferença – é interessante notar que o uso repetido, por exemplo, de ditos populares estropiados de lógica,

jargões esgotados, vícios de linguagem entre outras formas de redundância contribuem em muito para essa sensação de acréscimo de "novos familiares" ou "novidades antigas", "velhos presentes", digamos assim, em que a narrativa parece avançar ao mesmo tempo frustrando o deslocamento. "O segredo era lugar comum" porque, no limite, o repetido à exaustão torna-se, por um jogo de reversão – chaves sete, sete chaves – estranho a si mesmo. Em Catatau, o limite da redundância é a opacidade do plenamente familiar.

> Guardado a chaves sete, o segredo era lugar comum, quase proverbial, lugarejo comuneiro, tão repetido e repensado que era verdade que a verdade era ele, ou era a mentira duvidando da certeza! (LEMINSKI, 2012, p. 42)

MÁQUINAS DE MO(V)ER PALAVRAS

"A espera de Descartes/Cartésio é uma espera cibernética." (LEMINSKI, 2012, p. 164) Tomemos essa afirmação de Leminski como ponto de partida. Cibernética pode ser definida como a ciência que tem por objeto o estudo dos sistemas e mecanismos de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas. A raiz da teoria cibernética remonta a dispositivos normativos de autorregulação e retroalimentação que vão desde aparatos técnicos como máquinas autônomas até modelos abstratos de redes neurais capazes de compreender a fisiologia humana no que diz respeito aos sistemas independentes de nossa vontade: isto é, desde modelos de inteligência artificial, aprendizagem de máquina e construções autônomas até a compreensão do funcionamento dos mecanismos fisiológicos humanos que vão da respiração à memória e sua replicação em protótipos autogeridos, mecânicos ou digitais.

O que está em jogo na cibernética, isto é, o importante, são, mecanismos *autorregulados e autônomos*, sistemas de infinita plasticidade autorregida. O primeiro anseio e permanente delírio da cibernética, seu modelo embrionário e programático, remontaria ao moto-contínuo ou máquina de movimento perpétuo, mecanismo que reutilizaria indefinidamente a energia gerada por seu próprio funcionamento, sem a necessidade de intervenção humana.

Não será a espera de Cartésius por Articewski em *Catatau* cibernética porque pretensamente replicaria esse procedimento de auto alimentação e autorregulação em que se dobram o presente da leitura no passado lido e no futuro por ler? Leminski imagina por meio da obra um *móbile de linguagem* sem que uma palavra sequer precise ser outra, mas, aplicando a redundância como princípio, a cada nova ocorrência de si, *absolutamente é outra*. Trata-se de um truque, reconhece o autor, mas um truque de um poeta travestido de mágico, de um vigarista que toca o in-essencial da palavra como quem ri.

> Truque: repito o que digo e discuto
> com o eco. Morre o ser, fica o signo: chinfrim de três em pipa, papo,
> pepo e pupo! (LEMINSKI, 2012, p. 63)

Catatau seria, com um esforço de imaginação, o símile literário do sistema de escoamento perpétuo idealizado por Robert Boyle: frasco de auto fluxo no qual o movimento perpétuo, embora fisicamente impossível, nos parece curiosamente plausível.

Outro modelo similar que poderíamos convocar, seria o *Moto perpetuo em C Maior* de Paganini – capaz de fazer jorrar continuamente em frases quase idênticas a obra inteira, tendo cada parte uma conexão plástico-estrutural simultaneamente independente e indissociável de suas conexões.

Os exemplos seriam muitos, para as intenções deste ensaio esses dois já permitem uma alegoria do princípio aplicado da cibernética – embora, como já dissemos, esteja fundado em uma impossibilidade, por violar, no caso da física, a primeira e, em alguns casos, a segunda lei da termodinâmica. A diferença de Leminski está em que o ciborgue, a máquina de mo(v)er é de palavras. Conquanto o desejo do movimento perpétuo seja o mesmo, a palavra oferece outra natureza de movimento não subsumível às limitações da termodinâmica. Se o frasco de auto fluxo é uma quimera aos olhos da física, a palavra é sua efetivação e única idealidade possível de inventar máquinas autorreguladas de movimento perpétuo

MÁQUINA DE MO(V)ER BRASÍLIAS

Outra nuance de leitura nos permite saltar do maquinário a mo(v)er a linguagem para a própria língua-pátria que sobra, os resíduos dessa trituração: Leminski vê em *Catatau* "o processo da língua portuguesa operando". (LEMINSKI, 2012, p. 164) De fato, lançando o leitor em um emaranhado de formas i(nin)dentificáveis da nossa (outra) tradição literária mas constantemente semi-omitindo, solapando, parodizando, parafraseando, o que traz todos os potenciais recursos de deslizamento do sentido, *Catatau* coloca em movimento os próprios elementos simbólicos de nossa formação tal qual foram sedimentados na linguagem comum e nos arquétipos nacionais, agora tornados semi-sentidos, quase-totalidades, vestígios, quiçá construções monstruosas.

Lá estão, tomando um trecho-síntese,[11] os mamões nativos das regiões tropicais das Américas, as caixas de açúcar remetendo aos primeiros sucessos agrários e industriais do Brasil, as flores de ipê, símbolo originário, porém, deixando de ser encantos da nossa nacionalidade, fazem apodrecer o pensamento europeu, consomem a linha reta do pensamento. Lá está o índio, convertido em logófago – "Índio me chupando, pensará estes meus pensares". (LEMINSKI, 2012, p. 30) Lá está a floresta, uivando seus sem-sentidos, alucinações, escuros. O Brasil é máquina de moer a Europa – "A reta da Europa curva-se ante o Brasil". (LEMINSKI, 2012, p. 107) Enquanto românticos e até certo ponto modernistas esforçaram-se na defesa de um processo formativo de nação, *Catatau* consagra certa contra-tradição trans-histórica desconstrutora na qual se de-formam as imagens e referências de nacionalidade: pensar contra o passado para desaprender a pensar.

> Há os que pensam muito no terreno arado e cultivado, mas haverá os que pensarão contra todo o passado pensado da terra, fértil fazendo desolações! (LEMINSKI, 2012, p. 60)

Diz-se que a vanguarda, antes de ser estética, já é política, caso seja uma asserção verdadeira, *Catatau* é um libelo político peculiar, pois ataca as suas principais instituições, a língua pátria e as imagens que ali encontram existência. Língua e imagens arquetípicas são arrastadas ao vertedouro das experimentações de uma *terra brasilis*, na melhor das hipóteses, monstruosa, de uma língua afásica, porém contagiosa, zombeteira e insolente. Em *Catatau*, para recuperar um trecho bastante significativo, "a história não é palpável, se move por meio de máquinas": na outra língua de *Catatau* rangem os experimentos monstruosos de Brasília.

DE-FORMAÇÃO

[11] "Meu pensar apodrece entre mamões, caixas de açúcar e flores de ipê, mudanças rapidíssimas, absurdos instantâneos, lapsos relapsos, trepidações relâmpago monstro". (LEMINSKI, 2012, p. 26)

A grande contribuição de *Catatau* contra o cartesianismo, contra a filosofia europeia e para a nossa literatura é de que apenas a própria linguagem levada aos seus estertores, convertida em monstruosidade ou em língua-que-fala-outra-coisa, pode liberar a linguagem, que apenas pela reiteração é possível alcançar o inexaurível enquanto experimento propriamente de língua e de nação: considerando-se que ambos sejam apenas faces de um mesmo processo de des-fundação, uma contra-tradição como dissemos. Os dez anos de trabalho minucioso de Leminski em torno de *Catatau* nos legaram uma obra que está longe de ser um capricho extravagante, um excesso ilegível ou uma curiosidade literária, pelo contrário. Sua dedicação e minúcia atestam certa concepção da língua como uma máquina que, dispostas as engrenagens e acionada, encontra o funcionamento autônomo capaz de mo(v)er em voragem o passado – seus arquétipos – como futuro da língua de uma nação que ainda não existiu, uma palavra para não ser, um Brasil de-formado contra toda a nossa tradição mais bem-intencionada a onto-teo-logizar a terra. "Neles, um olho!"

> O falcataclismo de alguns deriva disso que em algumas
> línguas, bom passado do futuro o tenha! Pouco a pouco é dizer
> coisa com coisa, pena não ter palavra para não ser! Norma de
> impérios sempre foi expoliação e assistência: neles, um olho! (LEMINSKI, 2012, p. 140)

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo testamentos. Tradução e revisão Comitê Internacional de Tradução da Bíblia King James para a língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Produção Editorial, 2012.

COMINETTI, Geder Paulo Friedrich. *A noção de linguagem em Descartes:* ensaio sobre o conceito de linguagem na filosofia dualista de René Descartes. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) – UNIOESTE, Toledo (PR), 2013. Disponível em: https://tede.unioeste.br/handle/tede/2052. Acesso em: 1 abr. 2023.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia***.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DESCARTES, René. *Discurso do Método.* Trad. Maria Ementina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEITE, Elizabeth Rocha. *Leminski:* o poeta da diferença. São Paulo: Edusp, 2012.

LEMINSKI, Paulo. *Catatau:* um romance-ideia São Paulo: Iluminuras, 2012.

LEMINSKI, Paulo. Quinze pontos nos iis. In:_____. *Catatau.* São Paulo: Iluminuras, 2012b. p. 215-218.

LEMISNKI, Paulo. Descordenadas artesianas, In:_____. *Catatau.* São Paulo: Iluminuras, 2012a. p. 211-214.

RISÉRIO, Antônio. Catatau: cartesanato. In: LEMINSKI, P. *Catatau.* São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 226-233.

SANDMAN, Marcelo (org.). *A pau a pedra a fogo a pique:* Dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski. Curitiba: Secretaria de estado da Cultura, 2010.

RIBEIRO, Leo Gilson. Um Catatau. Felizmente. In: LEMINSKI, P. *Catatau.* São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 224-226.

CAMPOS, Haroldo. Uma Leminskíada barrocodélica, In: LEMINSKI, P. *Catatau*. São Paulo: Iluminuras, 2012. p. 235-239.